

ATELIÊ CA[Ó]TICO: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO PARA DISCUSSÃO DA RELAÇÃO ENTRE SENTIDO E FORMA NA ARQUITETURA

ATELIÊ CA[Ó]TICO: AN ACADEMIC EXPERIENCE TO DISCUSS THE RELATIONSHIP BETWEEN SENSE AND SHAPE IN ARCHITECTURE

CAVALCANTE, EUNÁDIA SILVA

Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, eunadiacavalcante@gmail.com

NASCIMENTO, JOSÉ CLEWTON DO

Doutor, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, jclewton@hotmail.com

RESUMO

Este artigo relata uma disciplina optativa denominada Ateliê CaÓtico acontecida no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cuja ementa está pautada em uma abordagem projetual que enfatiza a observação (relação com o lugar) e as técnicas de desenho e colagem, como formas de expressão das ideias. Evitando adotar condicionantes preestabelecidos como ponto de partida para o processo de concepção projetual, o ateliê buscou estimular nos discentes a prática da percepção dos elementos construídos e de sua relação com o entorno. Em termos de procedimentos metodológicos foram realizados: encontros para apresentação e discussão das referências teórico-conceituais utilizadas nas atividades práticas; visitas aos locais selecionados para realização da atividade de experimentação do lugar; atividades de ateliê tendo em vista a elaboração de propostas arquitetônicas para as referidas áreas, norteadas pela atividade de experimentação do lugar e tendo o croqui e as colagens como veículos de expressão das ideias; apresentação e discussão das propostas. A atividade de avaliação da disciplina ressaltou o ponto de vista dos estudantes, cuja fala deixou clara a importância do desenvolvimento de propostas arquitetônicas valorizar: (i) o ato de desenhar, planejar em grupo, observar o lugar, captar sua dinâmica e nele permanecer; (ii) a possibilidade da construção de um espaço de debate, propiciando uma maior liberdade para o aluno pensar e se expressar, sem o rigor de etapas pré-estabelecidas. Tais constatações, no nosso entender, confirmam o alcance dos objetivos propostos pela disciplina e justificam sua divulgação enquanto experiência didática.

PALAVRAS-CHAVE: Sentido; Forma; Desenho; Abordagem projetual; Ensino de Arquitetura.

ABSTRACT

This article presents "Ateliê CaÓtico", an elective subject offered to students majoring in Architecture and Urbanism at Federal University of Rio Grande do Norte (Brazil). Its structure is based on a design approach that emphasizes observation (relationship with the place), drawing and collage techniques as a way to express ideas. As a starting point for the project design process, the atelier avoids pre-established constraints by encouraging students to perceive built elements and their relationship with the surrounding area. Methodological procedures included: meetings where theoretical and conceptual references were presented and discussed; visits to the locations that were chosen for the place experimentation exercise; activities focused on the creation of architectural proposals for the referred areas, guided by practices of place experimentation and having collage and sketching as vehicles for expression of ideas; presentations and discussion of proposals. The evaluation of the activities by students highlighted: (i) the importance of the act of drawing, collective planning, observation and understanding of the place's dynamics, and remaining in that place; and (ii) the possibility of creating a space to debate, letting the students think and express themselves without the meticulousness of pre-established stages. The students' contributions during subject evaluation confirm that the subject accomplished the goals it set out to achieve.

KEY-WORDS: Sense; Shape; Drawing; Projectual approach; Architectural Teaching.

1 INTRODUÇÃO

Em nossa experiência como docentes - inicialmente em universidades privadas e, mais recentemente, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CAU-UFRN)- temos vivenciado inúmeras inquietações/observações/constatações que emergem durante a proposição arquitetônica no nível acadêmico, entre as quais destacam-se: pouca vivência dos alunos nos espaços públicos da cidade; no início da execução dos trabalhos, “preferência” (possibilidade e/ou maior facilidade) por “ir” aos lugares em estudo por meio digital (*Google maps*); cada vez menor uso do recurso do desenho manual como instrumento/ferramenta de observação/discussão/projeto (a não ser se/quando explicitamente exigido pelo professor). Como consequência desse tipo de práticas percebe-se uma certa superficialidade quanto a compreensão dos problemas, da dinâmica e da complexidade do espaço urbano, o que tem óbvios reflexos nas propostas desenvolvidas.

Em contraponto a tal situação, este artigo relata uma experiência de ensino ocorrida na disciplina optativa denominada ‘Ateliê CaÓtico’, desenvolvida na graduação do CAU-UFRN. Partimos do entendimento de que uma disciplina optativa deve oferecer algo distinto e complementar ao conteúdo obrigatório exigido pelo curso, bem como apresentar métodos e abordagens diferenciados, a fim de tornar-se atrativa e realmente útil para o alunado. Assim, durante o processo de concepção da proposta da disciplina, priorizou-se o incentivo à interpretação “visual” dos espaços, tendo em vista identificar se a permanência no local e a observação demorada de suas edificações e do entorno exigidas para elaboração de croquis levam o estudante a “enxergar” melhor o lugar e os elementos que o caracterizam, como, por exemplo, o efeito da legislação urbana na construção destes ambientes.

Neste sentido, a proposta para o “CaÓtico” foi estruturada com base em ementa pautada em uma abordagem projetual com ênfase na observação e na relação com o lugar como pontos de partida, e nas técnicas de desenho e colagem, como forma de expressão das ideias. Como objetivo geral, buscou-se estimular nos discentes a prática, no processo de concepção projetual, da percepção dos elementos construídos e sua relação com o entorno, a princípio, sem condicionantes preestabelecidos. Foram objetivos específicos: incentivar a prática do “estar no lugar” como forma de apreensão e (re)conhecimento do espaço a ser transformado; empregar a apreensão do lugar a partir de sua experimentação, sem a definição de condicionantes pré-estabelecidos; utilizar a prática do ateliê e do croqui como construção de um quadro de imagens mentais, estabelecendo um processo de construção de uma memória do projeto; identificar o uso de processos manuais - croquis, colagens - como veículos de expressão das ideias geradas na concepção projetual.

O conceito de “lugar” foi utilizado como um dos principais fundamentos teórico-metodológicos, com suporte na fenomenologia, que segundo Norberg-Schulz (2008), consiste em “um ‘método’ que exige um ‘retorno às coisas’, em oposição às abstrações e construções mentais” (p. 443). O referido autor, a partir da ideia do *Genius Loci* - ideia de espírito de um determinado lugar - busca estabelecer uma identificação do conceito de lugar através do Sentido - Ser - Existência. Sobre o Lugar, o texto enfatiza:

É claro que nos referimos a algo mais do que uma localização abstrata. Pensamos numa totalidade construída de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura e cor. Juntas, essas coisas determinam uma ‘qualidade ambiental’ que é a essência do lugar. Em geral, um lugar é dado como esse caráter peculiar ou ‘atmosfera’. Portanto, um lugar é um fenômeno qualitativo ‘total’, que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta. (...) Sendo totalidades qualitativas de natureza complexa, os lugares não podem ser definidos por meio de conceitos analíticos, ‘científicos’ (NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 444-445).

Complementarmente, compreende-se que “a arquitetura é fundamentalmente uma arte humana preocupada com a vida das pessoas, suas experiências e seus instrumentos; os seres humanos não são meros espectadores das ‘apresentações’ da arquitetura, mas seus ingredientes vitais – propagadores, modificadores, usuários e participantes” (UNWIN, 2013, p.6). Portanto, segundo o autor, diante da possibilidade de intervenção no espaço, do “desejo de modificar o mundo, de rearranjar algumas de suas partes, a fim de estabelecer lugares que possam dar abrigo à vida (e também à morte)” (p.2), é necessário o contato direto com o lugar e com seus usuários, e não somente a análise técnica e impessoal de mapas e dados. Nesse contexto, os elementos da arquitetura

constituem uma espécie de ‘linguagem’ própria, a linguagem do espaço. Essa linguagem não tem palavras, mas ainda assim é uma forma de comunicação. Ela nos fala sobre como os espaços acomodam diferentes atividades; sobre quem se apropriou de quais espaços; sobre limites e relações; sobre regras espaciais para fazer as coisas. A arquitetura, assim como a poesia, pode até mesmo sugerir respostas emocionais: excitação, medo, curiosidade, alienação, temor, constrangimento, adoração, privilégio, etc. A arquitetura pode transformar o modo como você se comporta, quem pensa que é e como se relaciona com as outras pessoas (UNWIN, 2013, p.2).

Tal argumentação indica que, para a formação do aluno é imprescindível, além da análise de exemplos, a prática de exercícios que possibilitem a percepção do lugar, a compreensão de seu funcionamento e seus poderes, condição somente possível quando o estudante entra em contato com o objeto arquitetônico e com o meio urbano que o cerca. Para esta prática o desenho apresenta-se como um recurso essencial ao arquiteto, tanto no diálogo consigo próprio durante a materialização e desenvolvimento de ideias, quanto no diálogo com outros profissionais e/ou usuários.

O projeto, a transformação, a análise, o registro, a construção, a transubstanciação do imaterial no material, o que seria disso tudo em arquitetura sem a intermediação do desenho? (DUARTE JUNIOR, 2003, p. 9).

Chamamos atenção, portanto, para a possibilidade de utilização do desenho como intermediador entre a análise, o (re)conhecimento e a concepção, prática diversas vezes evidenciada por arquitetos de referência. A título de exemplificação nos reportamos à fala de Lúcio Costa ao tratar do conceito de Desenho de Criação como uma expressão que, para além do ato de se reproduzir o que é identificado na paisagem, apresenta-se como uma ação de cunho reflexivo e transformador (COSTA, 2012).

Também não podemos deixar de citar os diários de viagens, dentre os quais destacamos a “Viagem do Oriente” (LE CORBUSIER, 2007, publicado originalmente em 1966), experiência de fundamental importância para a formação de Le Corbusier. Neste sentido, citamos trecho do prefácio à versão francesa do referido livro: “Durante essa viagem, de Dresden a Constantinopla, de Atenas a Pompéia, Jeanneret mantém um caderno no qual anota suas impressões e realiza uma série de desenhos que ensinam a olhar e a ver” (autoria não identificada)⁽⁹⁾.

Outro arquiteto que utilizamos como referência é o português Álvaro Siza. Ao analisar a relação entre “inquietações teóricas e estratégias projetuais” na obra do referido arquiteto, Rafael Moneo (2008) aponta elementos que a distinguem, tais como: a busca pelo sentido da “consciência da realidade”, a partir da “consciência do lugar”; a ideia da tangibilidade (sentir o lugar); a identificação de que trabalha reconhecendo a realidade, atento à paisagem, aos materiais. A análise empreendida por Moneo reforça o entendimento que fazemos acerca da obra de Siza como expoente da abordagem fenomenológica da arquitetura, apresentada anteriormente a partir da reflexão empreendida por Norberg-Schulz (2008). Além disto, o fato de Siza utilizar de forma recorrente os seus croquis como expressão das ideias vinculadas às propostas de seus projetos - nesse sentido, o livro “Imaginar a Evidência”, publicado em 2012, é um exemplo significativo -, foi outro aspecto que nos levou a utilizá-lo como referência para a formulação da disciplina.

2 DISCIPLINA OPTATIVA: COMO FOI CONCEBIDO O CAÓTICO

Entende-se que um componente curricular optativo deve oferecer algo distinto e complementar ao conteúdo do currículo obrigatório, campo em que o uso de métodos e abordagens diferenciados devem atuar como atrativos para o aluno.

Tendo como ementa: “Abordagem projetual com ênfase na observação (relação com o lugar) e nas técnicas de desenho e colagem, como forma de expressão das ideias”, buscou-se estimular nos discentes a prática, no processo de concepção projetual, da percepção dos elementos construídos e sua relação com o entorno, a princípio, sem condicionantes preestabelecidos, incentivando a prática do “estar no lugar” como forma de apreensão e (re)conhecimento do espaço a ser transformado.

Do ponto de vista propositivo, os discentes foram orientados a empregar a apreensão do lugar a partir de sua experimentação, sem a definição de condicionantes pré-estabelecidos. Assim, a prática do ateliê e do croqui foram utilizadas para a construção de um quadro de imagens mentais, estabelecendo um processo de

construção de uma memória do projeto, além de identificar o uso de processos manuais - croquis, colagens - como veículos de expressão das ideias geradas como concepção projetual.

Em termos de procedimentos metodológicos foram realizados: (i) encontros para apresentação e discussão dos referenciais teórico-conceituais utilizados nas atividades práticas; (ii) visitas aos locais selecionados para realização da atividade de experimentação do lugar; (iii) atividades de ateliê, tendo em vista a elaboração de propostas arquitetônicas para as referidas áreas, norteadas pela atividade de experimentação do lugar, tendo o croqui e as colagens como veículos de expressão das ideias; (iv) apresentação e discussão das propostas.

Desenhos e colagens: Formas de expressão de ideias

Da maneira como foi concebida a disciplina, não se pretendia o desenvolvimento das propostas em nível de desenho técnico, e sim o estímulo a materialização de ideias iniciais através do desenho à mão livre e colagens de figuras e textos, de modo que, para além de uma solução arquitetônica, os painéis pudessem exprimir sensações percebidas e/ou pretendidas com o projeto/proposta. Utilizamos, portanto, como referência, as colagens e fotomontagens do Archigram - grupo de arquitetos de vanguarda formado nos anos 60, com base na *Architectural Association School of Architecture* (Londres) que, segundo Malaparte (2015), foram revolucionários ao antecipar o desenho virtual de zonas habitáveis. Os projetos do grupo não se fundamentavam em requisitos imediatos de exequibilidade construtiva, mas sim em conceitos, atividades, movimentos e fluxos, com intenso apelo para o imaginário da era espacial. Por causa destas características suas propostas foram consideradas como muito criativas (CAVALCANTE, VELOSO, 2011), mesmo que o trabalho do grupo tenha ocorrido basicamente no campo da experimentação (seus projetos e desenhos foram divulgados através da revista Archigram, de exposições e de eventos) e não no da obra construída.

Baseando-se nesses precedentes, as propostas dos estudantes foram desenvolvidas em sala de aula, tomando como ponto de partida os registros gráficos realizados durante as visitas, e utilizando o recurso da colagem de figuras e textos sobre desenhos manuais, sendo exclusivamente realizados durante o tempo estabelecido para a atividade de ateliê, ou seja, não foi previsto que as atividades tivessem continuidade em atividades extra ateliês.

Seleção das áreas objeto de estudo

A escolha das áreas de análise e intervenção teve como critérios: lugares que propiciassem discussões acerca da relação entre espaços construídos e espaços naturais (Rio Potengi e Orla Marítima); áreas consolidadas, tradicionais, com significação histórica, que sofrem com pressões de renovação urbana. Foram selecionadas três áreas, a saber (Figura 1): entorno da Igreja do Rosário, na Cidade Alta; encosta da Avenida Getúlio Vargas, em Petrópolis; Canto do Mangue, nas Rocas. Partiu-se do pressuposto que tais espaços não estão presentes na prática cotidiana dos alunos (pressuposto que foi ratificado ao final do semestre).

Figura 1 - Entorno da Igreja do Rosário; encosta da Avenida Getúlio Vargas e Canto do Mangue, respectivamente



Fonte: Acervo dos professores

Para a realização das atividades, em termos de sequência dos exercícios, considerou-se o grau de complexidade apresentado pelos espaços selecionados. Partimos, portanto, de um grau de complexidade menor a um grau de complexidade maior, à medida que as discussões iam se desenvolvendo, ao longo do semestre.

2 COMO SE DESENVOLVEU A DISCIPLINA

Sendo concebida como uma disciplina eminentemente prática, foram previstas cinco atividades, dentre as quais três são referentes às visitas de campo e ateliê, que foram desenvolvidas ao longo do semestre e descritas a seguir.

Sentido e forma

A primeira atividade teve por finalidade ressaltar/destacar que a ação/intervenção no espaço construído ou a atuação do arquiteto determina significados/sensações no usuário. Também foi útil para que os professores pudessem aferir os conhecimentos da turma considerando que a maior parte dos alunos estava cursando o terceiro período. Nessa etapa foram realizados dois exercícios sugeridos por Simon Unwin (2013): o círculo de lugar e criando lugares com pessoas - descritos a seguir.

O círculo de lugar

Desenhe um círculo de lugar ao seu redor. [...] Sinta a maneira como ele lhe emoldura e separa do mundo à sua volta. Perceba o limite que ele cria entre o interior e o exterior, e o ultrapasse. [...] Todos esses efeitos são partes das dimensões emocionais fundamentais de toda a arquitetura baseada na identificação de lugares. Não importa a quão sofisticada a arquitetura se torne, ela começa com essa separação rudimentar de um lugar interior separado dos outros (UNWIN, 2013, p. 18).

Criando lugares com pessoas

Tente fazer arquitetura utilizando seus amigos como materiais de construção. Uma linha de pessoas pode ser um muro [...]. Com dois de seus amigos, crie uma porta [...] organize-os para formar um caminho [...]. Distribua seus amigos em um círculo [...]. Crie eixos. Posicione alguns de pé, outros de joelhos, outros sentados... crie movimento. Repita o exercício em lugar inclinado (UNWIN, 2013, p. 175).

Durante essas atividades foram feitos registros fotográficos das composições realizadas pelos alunos, os quais foram utilizados na discussão da aula seguinte "Sentido das formas". A partir das fotos das composições, os alunos foram incentivados a relacioná-las com espaços construídos que remetesse as sensações descritas por eles durante a atividade (Figura 2).

Figura 2 - Análise das formas sugeridas pelas composições realizadas pelos alunos



Fonte: Acervo dos professores

Simulação: percurso na UFRN

Este exercício antecedeu as atividades de campo e ateliê, e teve como objetivo simular a execução dos registros gráficos. De posse apenas de papel e lápis, fez-se um percurso à pé a partir do setor de aulas IV em direção ao prédio da Reitoria (Figura 3). Durante o percurso, foram realizados vários desenhos, buscando relacionar os edifícios à paisagem natural, aos acessos (tanto de pedestres como de veículos) e à Reitoria que, sendo uma edificação de maior significado hierárquico, se apresenta e se destaca em relação às edificações do entorno. Além disso, ao se aproximarem do edifício os participantes eram instigados a identificar quais elementos arquitetônicos se destacam no prédio, de modo que o olhar/percepção se dirige do todo/geral para as partes/pormenores.

Figura 3 - Percurso entre o setor de aulas IV e o prédio da Reitoria



Fonte: Acervo dos professores

ATIVIDADE 1: Largo da Igreja do Rosário (Cidade Alta)

Visita de campo

A intenção da atividade era fazer com que os discentes identificassem, a partir do senso de observação, relações entre os elementos que compõem a forma urbana da área, notadamente a relação entre uma área que faz parte do núcleo histórico da cidade (localizada em um platô, a partir da presença dos espaços religiosos como elementos estruturadores do espaço urbano) e a presença do Rio Potengi como marco na paisagem da cidade. Foi incentivado o registro destas observações através de croquis.

No decorrer da atividade fomos surpreendidos por uma chuva, que dificultou a realização da atividade e que condicionou a realização dos registros. Nesta atividade, foi recorrente o fato que os alunos praticamente reduziram o foco dos registros ao edifício religioso em si, sem estabelecer relações com o espaço circundante (Figura 4).

Ateliê

A atividade, realizada de forma conjunta, iniciou com relatos dos alunos sobre as observações feitas na visita de campo. Foi dito que poucos tinham conhecimento do lugar, e que, para a maioria dos discentes, estar no lugar gerou uma sensação de insegurança. Foram recorrentes, também, a sensação de que faltava manutenção na área e a que havia a presença marcante do automóvel no local, em detrimento do uso / apropriação do espaço pelo pedestre.

Os alunos também apontaram algumas potencialidades do lugar, a saber: possibilidade de uso do espaço defronte à igreja como um mirante; utilização de edifícios abandonados, priorizando usos voltados para a comunidade; e ocupação da praça por atividades que visem o incentivo ao uso pedonal.

Como foram poucas as observações acerca da relação entre o edifício religioso e o entorno, tanto na escala mais aproximada, como na escala mais à distância (relação com a paisagem, notadamente o Rio Potengi), os professores iniciaram uma discussão, chamando atenção para a necessidade de incorporação desses aspectos na análise que estava sendo empreendida.

Em seguida, foi proposta a construção coletiva de um painel, tendo como base um mapa desenhado em papel madeira, a partir de imagem do Google Earth. O painel foi definido através de colagens com recortes

de revistas, bem como com desenhos realizados durante a atividade de campo, que deveriam expressar graficamente/imagetivamente os problemas e as potencialidades identificados durante a visita. Observou-se que nesta primeira atividade, predominou o uso dos recortes de revistas ante os desenhos realizados *in loco*. Em complementação foi definida (em conjunto) uma listagem de prováveis propostas a serem desenvolvidas para a área, a partir da qual foi definida uma divisão da turma em grupo, que passaria a desenvolver ideias para os projetos listados, em número de cinco: mirante do rio; intervenção no edifício do TRE; proposta para mirante - Pedra do Rosário; praça da igreja; intervenção em edifício abandonado, com vistas à adaptação de uso para restaurante (Figura 4).

Figura 4 - Visita de campo e propostas para o entorno da Igreja do Rosário



Fonte: Acervo dos professores

ATIVIDADE 2: Encosta da Avenida Getúlio Vargas

Visita de campo

Foi seguido o mesmo procedimento utilizado na atividade 1, com uma mudança básica em relação ao desenvolvimento da atividade: o grupo realizou os registros a partir de um percurso que teve início nas imediações do Hospital Universitário Onofre Lopes – HUOL (cuja estrutura física é composta por uma edificação histórica conectada a outros edifícios de construção mais recente) e se desenvolveu no sentido Praia do Meio, percorrendo a encosta da Av. Getúlio Vargas e com paradas em locais específicos. Além de permitir a visão do mar e a contemplação da Fortaleza dos Reis Magos e da ponte estaiada Newton Navarro (sobre o rio Potengi), esta avenida também se apresenta como um marco divisor de formas de ocupação distintas, abrigando em uma de suas margens edifícios de alto padrão e na margem oposta uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS). Em âmbito geral, os registros realizados também apresentaram modificações no sentido da escala de observações, incorporando de maneira bem mais evidente as relações entre partes constituintes da forma urbana, e estabelecendo articulações entre as escalas próximas e escalas distantes (Figura 5, imagens superiores).

Figura 5 - Visita de campo e propostas para o entorno da encosta da Av. Getúlio Vargas



Fonte: Acervo dos professores

Ateliê

Da mesma forma que na atividade anterior, a discussão inicial se deu ilustrada pelos registros gráficos feitos no local, que foi identificado como sendo um lugar de passagem. Poucos estudantes relataram ter andado a pé ou permanecido no local, apesar do grande apelo cênico. A área foi considerada “insegura” por eles, pois a sequência de edifícios ao longo da avenida, no alto da encosta, gera uma grande muralha e não há pessoas nesta calçada, apenas carros estacionados. Por outro lado, apesar de se observar movimento de pessoas circulando nas ruas e nas calçadas na margem oposta, ao pé da encosta, formada por casas que ocupam pequenos lotes e com no máximo dois pavimentos, escola, igreja e pequenos comércios, esta área também foi identificada como “perigosa” pelos discentes.

Dentre as observações realizadas destacaram-se: (i) a existência de uma grande área com vegetação protegendo a encosta para a qual não há possibilidade de acesso; (ii) a presença de uma pequena praça mirante, cujo desenho e mobiliário interferem nas visuais para o mar; e, (iii) no sentido de uma relação mais ampla do entorno, a presença do Hotel Internacional Reis Magos (HIRM), edifício modernista que se encontra em processo de tombamento e em contraposição ao processo judicial para sua demolição encampado pelo proprietário.

Outro aspecto que foi enfatizado pelos professores diz respeito à percepção da interferência da legislação urbana municipal sobre aquele espaço, induzido pelas seguintes questões: Porque não há edifícios altos na beira mar? Porque, em área tão valorizada da cidade, há todo um bairro no qual predomina a população de baixo poder aquisitivo? Questões como esta despertaram o interesse dos alunos em saber como se deu a ocupação da área ao longo do tempo.

O grande grupo, então, determinou os aspectos a serem tratados a partir das propostas projetuais, quais sejam: (i) valorização dos dois edifícios históricos o HUOL e o HIRM; (ii) criação de um parque na área vegetada e implantação de um plano inclinado para tornar acessível o trajeto pela encosta complementando os acessos dados pelas escadarias; (iii) criação de mirantes com mobiliário que permita a permanência e apreciação da vista para o mar, da fortaleza e da ponte; (iv) novo desenho para o mirante/prça existente. As propostas foram apresentadas pelos grupos menores, responsáveis pelo seu desenvolvimento (Figura 5), que utilizaram colagens, desenhos feitos durante a visita ao local, desenhos/croquis ilustrativos das ideias e uma maquete de papel do Hotel Internacional Reis Magos⁽¹⁾.

ATIVIDADE 3: Canto do Mangue

Visita de campo

A última atividade teve como cenário o “Canto do Mangue”, local tradicional de comercialização de pescados na cidade, tendo o mercado do peixe como ponto de partida do percurso. A partir do mezanino do mercado pôde-se perceber a relação do edifício com a rua e com o rio. A seguir, a observação e os registros se deram a partir da praça em direção ao porto, ao atracadouro dos barcos de pesca, ao bairro da Ribeira, ao prédio histórico da Rampa (com sua obra de revitalização interrompida), ao entorno próximo e à margem oposta do rio (Figura 6).

As observações feitas pelos discentes confirmam que: (i) muitos dos estudantes nunca haviam ido ao local; (ii) há sensação de insegurança, apesar de todo o movimento do comércio, de pescadores fazendo manutenção nos barcos e moradores em alguns trechos da praça; (iii) há poucas árvores no local e sente-se muito calor, justamente por não haver sombra. A percepção de que a proposta de praça/mirante implantada no local é equivocada, uma vez que a diferença de nível existente no local obstrui a visão para o rio, foi unânime. Também foram observados aspectos como mobiliário urbano e materiais, registrados através de desenhos.

Ateliê

Uma vez habituados a dinâmica do ateliê, durante a discussão inicial todos os participantes já trouxeram uma argumentação definida e ilustraram suas observações a partir dos desenhos feitos durante a visita. Neste dia, posterior à visita, devido à falta de energia na universidade a aula ocorreu no gramado do pátio externo, pois todos queriam falar sobre a visita, tinham em mãos as “anotações” e a luz natural da tarde era suficiente para a visualização. Havia a necessidade da troca de ideias e do compartilhamento das impressões apreendidas durante a visita.

Na discussão do grande grupo, foram destacados os problemas como: insuficiência de estacionamento tanto para os comerciantes, quanto para os usuários, sendo a própria praça utilizada como tal; presença quase imperceptível de um monumento em homenagem aos pescadores que morreram em um acidente marítimo; travessia perigosa de pedestres na rua em curva; falta de visibilidade do rio do ponto de vista de quem está na praça; pouca presença de árvores; pouca integração entre o mercado e a praça. Nesta última atividade propositiva, observou-se maior utilização do desenho como forma de expressão, além da utilização de aspectos próprios da cultura do lugar como modo de garantir identidade ao projeto, tais como os elementos do próprio rio, as cores e formas dos barcos (Figura 6).

Figura 6 - Visita de campo e propostas para o Canto do Mangue



Fonte: Acervo dos professores

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA POR ALUNOS E PROFESSORES

Como conclusão deste artigo, trazemos algumas observações feitas na discussão final da disciplina, que envolveu alunos e professores. Uma primeira observação diz respeito ao contato com a área do projeto, e as possibilidades e formas de apreensão do mesmo. Segundo os alunos, desenhar, planejar em grupo, observar no lugar, conseguir captar a dinâmica do lugar, permanecer no lugar, é diferente da análise reduzida ao contato através de mapas. Identificou-se também a importância da realização dos desenhos in loco como construção de um quadro de imagens mentais, ou seja, no mesmo sentido da realização de anotações de um texto para memorização do conteúdo.

Outro aspecto levantado foi a possibilidade da construção de um espaço de debate para o desenvolvimento das propostas. Para os alunos, o layout da sala – na qual todos se reuniam ao redor da mesma mesa – incentivou o debate, o que se materializou com a conversa após as atividades de campo, em que todos puderam falar sobre suas impressões durante a visita sem se limitar a grupos distintos delimitados previamente. Esse procedimento metodológico foi apontado como ponto positivo para visão global dos problemas.

Também foi salientado que a metodologia utilizada ao longo da disciplina possibilitou aos estudantes uma maior liberdade de pensar e se expressar, não se atendo ao rigor de etapas pré-estabelecidas. Este aspecto propiciou a identificação dos “problemas”, bem como das possibilidades para sua solução, a partir da relação entre vivência no lugar e prática de ateliê.

Listamos também outros aspectos considerados positivos da disciplina, apontados pelos alunos: visão “responsável” dos lugares, conduzindo ao amadurecimento da visão, da visão sobre o patrimônio e sobre as pessoas que usam os lugares; valorização da ideia e não da sua representação mais técnica; tempo de amadurecimento da ideia do projeto.

Como docentes também pudemos observar que a disciplina contribuiu para o desenvolvimento de outras disciplinas cursadas pelos estudantes durante o semestre. Relatos dos próprios alunos dão conta de que a dinâmica adotada no ateliê CaÓtico foi utilizada por um grupo na concepção das propostas que estavam sendo desenvolvidas na disciplina de Projeto Arquitetônico. Constatamos, ainda, que a turma, formada principalmente por alunos do terceiro período, apresentou atitude diversa de turmas anteriores na tradicional viagem para Recife/Olinda⁽³⁾, ao fazer, espontaneamente, registros gráficos de todo o percurso.

Como aspectos apontados pelos alunos, na perspectiva de se contribuir com a melhoria da disciplina, foi relatado a necessidade de se reforçar/incentivar a utilização dos desenhos feitos nas visitas nos projetos finais (o que de fato, já começou a ser incorporado por eles, de uma atividade para outra, durante o semestre).

À medida em que as propostas foram sendo desenvolvidas foi observado que os grupos foram incorporando a importância de se buscar no sentido do lugar a contribuição para a formulação dos conceitos e, por conseguinte, das propostas resultantes. Nesse aspecto, identificamos a relação entre a base teórica utilizada (notadamente a fenomenologia de Norberg-Schulz e o sentido de lugar de Álvaro Siza) e os resultados obtidos. Se esses princípios apareceram de maneira ainda incipiente nas propostas de intervenção para a área da Igreja do Rosário, no caso das propostas para o Canto do Mangue, já se tornaram mais evidentes. Podemos observá-lo, por exemplo, na proposta de criação do Memorial dos Pescadores, em que a solução arquitetônica apresentada é orientada pelo caráter simbólico, relacionado ao sentido do lugar-memória.

Em se tratando de uma experiência única, considera-se que essa proposta de disciplina optativa não está completamente formatada, devendo ser aplicada novamente para grupos diversos mais heterogêneos, por exemplo, formados por alunos de diferentes períodos do curso, que já assimilaram conteúdos ministrados em outras disciplinas do curso, para que se possa observar a aplicação dos procedimentos metodológicos e seu rebatimento na forma como desenvolvem suas propostas de projeto. Além disso, estamos acompanhando a atuação dos alunos que participaram desta primeira experiência em outras disciplinas de ateliê, a fim de observar se eles continuarão utilizando o desenho manual e a experiência de

estar no lugar no desenvolvimento de outras ações projetuais ao longo do curso e se isso, de algum modo, os permitirá explorar e desenvolver alternativas/possibilidades de projeto, favorecendo o amadurecimento das propostas.

Enquanto finalizamos este artigo, estamos também construindo a proposta de desenvolvimento da segunda versão da disciplina a ser aplicada no primeiro semestre deste ano de 2017, incorporando a esta as contribuições acumuladas da primeira experiência, considerada instigante e aberta a novas possibilidades.

5 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Glauce Lilian Alves de; CAVALCANTE, Eunádia Silva. As maquetes de papel como instrumento de preservação do patrimônio edificado: oficina de montagem do Hotel Reis Magos. In: Primer Congreso Iberoamericano de História Urbana. *Actas ...* Santiago.

CABRAL, Cláudia Piantá Costa. Uma fábula da técnica na cultura do estado do bem-estar: Grupo Archigram, 1961-1974. In: *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 247-263, dez. 2004. Disponível em: http://www.pucmg.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20050422102317.pdf

CAVALCANTE, Eunádia; VELOSO, Maísa. Utopia, realidade e criatividade: uma análise da experiência do Grupo Archigram à luz de duas teorias do projeto e da concepção arquitetural. In: V Projetar 2011. *Anais do ... Belo Horizonte*, CD Rom.

COSTA, Lucio. *Arquitetura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

DUARTE Jr, Romeu. Apresentação do livro *Desenhos: arquitetura antiga no Ceará* (desenhos de Campelo Costa, Domingos Linheiro e Nearco Araújo). Fortaleza: Edições IPHAN / UFC, 2003. *Cadernos de Arquitetura Cearense*, Volume 2.

LE CORBUSIER. *Viagem do Oriente*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MALAPARTE, Javier. ¡Archigram!, ¡Archigram! In: *Panic in the Attic: reseñas portátiles*. Disponível em: <http://panicattic.blogspot.com.br/2015/01/archigram-archigram.html>

MONEO, Rafael. *Inquietações teóricas e estratégias projetuais na obra de oito arquitetos*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar (1976). In: NESBITT, K. (Org.). *Uma Nova Agenda para a Arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2a ed. rev., 2008, p. 443-461.

SIZA, Álvaro. *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70, 2012.

UNWIN, Simon. *Exercícios de Arquitetura: Aprendendo a pensar como um arquiteto*. Porto Alegre: Bookman, 2013.

NOTAS

(1) O livro *'Viagem do Oriente'*, contendo textos e croquis de Le Corbusier elaborados quando o arquiteto ainda era estudante, foi publicado originalmente em 1966, e tem várias edições subsequentes. Em sua edição francesa o livro traz uma nota do editor não assinada, republicada na versão brasileira.

(2) A maquete de papel do HIRM foi desenvolvida para a primeira oficina de montagem de maquetes realizada no stand do Laboratório de Maquetes e Protótipos do CAU/UFRN durante a Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura da UFRN (CIENTEC), que ocorreu no período de 20 a 23 de outubro de 2015, da qual participaram professores e estudantes do curso auxiliando os visitantes na sua execução. Esta experiência foi apresentada no *Primer Congreso Iberoamericano de História Urbana*, ocorrido em novembro de 2016, na cidade de Santiago do Chile (ALBUQUERQUE, CAVALCANTE, 2016).

(3) Esta atividade é desenvolvida de forma integrada pelas disciplinas de História e Teoria da Arquitetura e Urbanismo 1, Comunicação Visual, e Planejamento Urbano 1, e consiste em uma visita de campo a um núcleo urbano colonial brasileiro, com o objetivo de apreender e analisar os aspectos remanescentes da estrutura urbana colonial na cidade atual.

NOTA DO EDITOR (*) O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).